

Uma nota sobre *Ressurreição*

Resumo: O artigo tenta situar o romance *Ressurreição*, de Liev Tolstói, em comparação aos dois romances anteriores do autor, *Guerra e Paz* e *Anna Kariênina* e procura indícios de que o processo de criação e a composição interna de *Ressurreição* estão ligados a um aguçamento da visão crítica do autor a respeito das perspectivas da sociedade russa.

Palavras-chave: Tolstói, *Ressurreição*, romance russo.

Abstract: The article tries to define the position of the novel *Resurrection* in contrast with the two novels written earlier by Liev Tolstoy, *War and Peace* and *Anna Karienina*, and looks for evidences that the creation process and the internal constitution of *Resurrection* have some connection with a sharpening in the author critical view about the prospects of the russian society.

Keywords: Tolstoy, *Resurrection*, russian novel.

Ao referir-se ao tempo em que redigiu o romance *Guerra e paz*, Liev Tolstói disse ter trabalhado nas “melhores condições de vida possíveis”. Herdeiro do título de conde, herdeiro de vastas propriedades rurais, que ainda expandiu com aquisições de mais terras ao longo dos anos, senhor da casa, da família, dos servos e criados, Tolstói, em geral, não tentava ignorar o sentido daquelas “condições de vida” e trazia na consciência o peso dos privilégios que desfrutava.

Em vez de apagar essa má consciência com argumentos cínicos, em vez de torná-la assimilável por meio de ponderações pragmáticas, Tolstói transformou-a num dos motores de sua obra de ficção. Procurou viver a fundo o seu conflito de consciência e, no decorrer das décadas, seus romances e seus contos exprimem uma visão crítica, cada vez mais veemente, dos mesmos privilégios que lhe permitiram escrever essa obra.

Vistos em conjunto, os três principais romances de Tolstói, escritos no intervalo de quase quarenta anos, assinalam o rumo e o teor dessa tendência crítica. Isso se torna patente não só na atitude predominante em cada um dos romances com respeito às classes privilegiadas na

Rússia, como também em certos procedimentos formais adotados pelo escritor. *Guerra e paz* foi escrito na década de 1860, *Anna Kariênina*, na década de 1870 e *Ressurreição* foi concluído nas vésperas do ano de 1900.

Guerra e paz tende a apresentar uma imagem idílica da nobreza russa. Seus heróis não precisam enfrentar a fundo os problemas relativos à administração de suas terras, à organização do trabalho, às condições de vida dos servos. Suas atenções, e as do leitor, desviam-se de tudo isso, em grande parte, pois é preciso concentrar-se na tarefa urgente de expulsar o invasor estrangeiro: o exército de Napoleão. A sombra do inimigo externo, que avança sobre o território da Rússia, encobre em parte os conflitos internos da sociedade e faz ressaltar, sob uma luz mais positiva, as qualidades da nobreza russa.

Em *Anna Kariênina*, as contradições entre senhores de terra e camponeses são vividas de modo mais drástico. Por mais que Konstantin Liévin, um dos dois personagens principais do romance, se interrogue sem cessar e estude tratados europeus e russos em busca da melhor forma de organizar o trabalho em sua propriedade rural, termina por reconhecer que está diante de um confronto de interesses incompatíveis, inconciliáveis. Compreende que o conforto de sua vida e de sua família resulta do trabalho semi-escravo de centenas de pessoas. Sua consciência pesada o leva a travar amizade com os mujiques, a trabalhar ombro a ombro com eles, na ceifa, e a descobrir nessa atividade um significado especial e superior. Mas nem por isso se decide a abrir mão de seus privilégios.

A par disso, o romance *Anna Kariênina* traz para o primeiro plano outros tipos de contradições vividas na época. O casamento e a vida em família são objeto, se não de uma franca condenação, ao menos de uma acusação bem argumentada. A desigualdade de direitos e de condições entre homens e mulheres produz um efeito implacável na vida de cada casal e de cada família do romance e culmina na destruição de uma personalidade dotada das melhores virtudes humanas.

Se o romance *Anna Kariênina* contrapõe os sinais de uma crescente crise às aspirações de uma normalização e de uma estabilidade, o romance *Ressurreição* põe em cena a própria crise, com todo o seu alcance. Não se trata mais de prenúncios ou de sinais. A crise deixa claro do que é feita e, agora, segue o seu próprio rumo. *Ressurreição* focaliza o sistema judiciário e prisional da Rússia, em fins do século 19. Nesse cenário, em tudo distinto do que encontramos nos dois romances anteriores, não há como atenuar o caráter opressivo e discriminador da sociedade.

O herói é um nobre que, de forma dolorosa, toma consciência da sua posição na sociedade. Abandona seus valores, rejeita seu modo de

vida e, por fim, renuncia a seus privilégios. Ao se prontificar a defender os oprimidos, ele entra em confronto com os labirintos da burocracia judiciária que, para sua surpresa, surge como uma verdadeira máquina de triturar vidas.

As diferenças presentes no processo de criação e nos procedimentos formais dos três romances acompanham a mesma deriva crítica. Em *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*, Tolstói criou personagens inspirados diretamente em seus familiares, amigos e conhecidos, pessoas de sua classe social, além de tomar a si mesmo como modelo. Em *Ressurreição*, Tolstói partiu de casos judiciais recentes. Já idoso, visitou penitenciárias, de homens e de mulheres, acompanhou julgamentos, viajou para conhecer os locais de exílio e ver de perto como eram transportados os prisioneiros pelas grandes distâncias da Rússia. Ou seja, afastou-se resolutamente da sua esfera social, bem conhecida. Produziu uma enorme quantidade de anotações e, com base nisso, reconstituiu, passo a passo, um quadro de dimensões épicas, em que a racionalidade do sistema penal e o discurso humanista da justiça se tornam o último estágio de um sistema opressivo.

A despeito do forte *pathos* moral e religioso que envolve o herói do romance *Ressurreição*, a linguagem do livro é, no geral despida de ornamentos. O romance almeja uma visão direta da vida, sem mediações poéticas. *Ressurreição* tem algo a dizer e quer dizê-lo de forma direta. Por isso, também, sua estrutura difere da dos dois romances anteriores.

A composição de *Guerra e paz* e de *Anna Kariênina* apóia-se sobretudo em dípticos: quadros contrapostos em pares, que por sua vez, se articulam em linhas narrativas paralelas. No todo, trata-se, no caso desses romances, de estruturas ordenadas em paralelismos e em contrastes. Pode-se dizer que *Guerra e paz* e *Anna Kariênina* organizam-se em quadros contrapostos, quadros grandes e pequenos, pares que se desdobram e se refletem, mas que – justamente por estarem presos uns aos outros – formam um conjunto estático. Os movimentos são apenas internos, por assim dizer, não saem de um determinado círculo. Portanto não admira que alguns comentaristas tenham apontado, nesses romances de Tolstói, algumas semelhanças com os épicos da antiguidade clássica e da idade média cristã.

Ressurreição, por seu turno, apresenta uma diferença que me parece ter um peso importante, capaz de esclarecer, em certa medida, o sentido da transformação da obra e do pensamento de Tolstói ao longo dos anos.

Em lugar de contrastes, *Ressurreição* apresenta um conflito aberto, frontal. Em lugar de grandes quadros estáticos contrapostos, a compo-

sição de *Ressurreição* é dinâmica. Sua linha narrativa avança num ritmo acelerado e constante, numa direção única, rumo ao âmago das contradições sociais que se manifestam em cada episódio e rumo ao centro do conflito de consciência que acompanha todo o relato. As profundas transformações de pensamento vividas pelos personagens são pautadas por esse mesmo dinamismo. O pensamento do protagonista sai do seu mundo, desprende-se do seu círculo de classe e avança rumo a algo de todo desconhecido para ele. O quase idílio dos privilégios, que em parte se vislumbra em *Guerra e paz*, transforma-se, em *Ressurreição*, no inferno dos privilégios.